



O Gaiato

Quinzenário * 21 de Janeiro de 1984 * Ano XL — N.º 1040 — Preço 7\$50

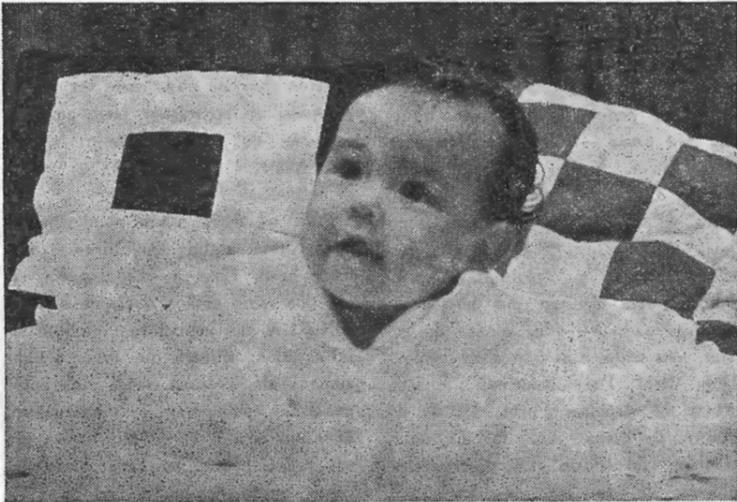


PORTE
PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Na generalidade
do nosso Povo
prevalece
uma consciência recta
em que as realidades
da Natureza
têm uma valoração justa.
O Homem não tem
um coração assassino.
Ele é o motor
da sua vida;
nunca uma fonte
de morte.

RENASCER

«Abri as portas ao Redentor!» — palavras de João Paulo II a proclamar o Ano Santo, o jubileu. Grito de um Papa — semelhante ao de Jesus na Sua cidade de Nazaré: «O Espírito do Senhor está sobre mim. Porque me ungiu. Para proclamar um Ano de Graça do Senhor».

Os conterrâneos ficaram tão danados que O quiseram deitar do monte abaixo. Eles conheciam a Lei. Sabiam bem as implicações que lhes acarretava o Ano de Graça do Senhor.

Que exigências trazia o jubileu da Lei Antiga? Pois, entre outras, o perdão das dívidas; a libertação dos escravos; a redistribuição dos bens...

Este o motivo da zanga e não aceitação de Jesus na Sua cidade!

Foi demasiado duro de ouvir: o perdão das dívidas, libertar os escravos, repartir os bens...

A nossa civilização ocidental tê-lo-ia crucificado sete vezes!

O Senhor, porém, manteve a proclamação que, como regato límpido e certo, venceu as montanhas e chegou com toda a sua pureza às primeiras comunidades cristãs:

«Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um.» (Act. 2, 44-45)

Autêntico modelo de revolução não violenta de armas...

mas de violência interior — na alma. Cada um capaz de se vencer, de amar, de perdoar, de repartir os seus bens.

A prática jubilar do perdão das dívidas e da partilha quase se perdem no tempo! Não totalmente, pois algumas comunidades e muitos cristãos continuam a partilhar com os irmãos; digamos: uma minoria abraâmica.

Minoria viva e fermento — que senti, neste Natal, na ajuda que nos foi dada e aos Autoconstrutores.

E eis que surge o grito de João Paulo II — «Abri as portas ao Redentor!» — a proclamar o Ano Santo da Redenção.

Não consta que alguém se tenha irritado e tentado, mesmo, atirar com o Santo Padre da janela do palácio. É que as implicações, verdadeiras e expressas, não tocam, sequer ao de leve, a maioria dos cristãos.

Sentado no chão de Fátima, apreciei um grupo de peregrinos que foi ganhar o jubileu: Confissão, Comunhão e visita à catedral.

Ano Santo implica muito mais. É:

Conversão ao Senhor, que supõe mudança de mente e de vida.

Prática dos sacramentos.
Perdão das ofensas.
Partilha de bens.
Desapego do dinheiro.
Salário justo.
Perder o medo.
Comunicar a fé.

Cont. na 4.ª pág.

Notas do tempo

É dia de escrever para O GAIATO... e a minha cabeça vazia de uma ideia!

Em jeito de brincar, dei uma volta pelas oficinas pedindo sugestões de assunto. Talvez porque a notícia dominante desta manhã foi o reventamento de duas bombas na cidade, dois me disseram: — Escreva sobre a violência.

É verdade: eis um tema, infelizmente, tão carregado de actualidade!

E logo pensei na violência, não tanto a praticada por pessoas ou grupos marginais (assaltos, vandalismos, violações, sevícias de toda a espécie) de que os jornais todos os dias vêm cheios, como naquela «matança dos inocentes» cuja legalização vai ser agora discutida pelas altas autoridades do nosso País, pelos intitulados representantes do Povo.

Que representantes do Povo...? Como é difícil ao Povo fazer-se representar autenticamente! Quão frágil a forma até hoje encontrada para o Povo escolher os seus representantes, se não conhece as pessoas; e os princípios que eles dizem encarnar são tão vagos, tão elásticos e mesmo naquilo em que parecem mais definidos, frequentemente, não passam de promessas por cumprir... e até para não cumprir! Há decisões cuja democraticidade só pode ser salvaguardada pela intervenção directa de cada cidadão. Sobre o aborto é uma delas. E quem pensa que o Povo português lhe iria dizer sim?!

Não é só a ciência a afirmar que há uma vida humana co-

meçada, autónoma e em evolução para uma autonomia progressiva, desde a fusão em uma só célula do espermatozóide e do óvulo. É evidente que há no «ovo» todo o dinamismo, todas as potencialidades da vida. Se não, mercê de que outra intervenção ela chegaria ao fim da sua primeira etapa: o ser dada à luz?

Porém, antes de a ciência a confirmar, sempre esta certeza esteve — e está! — na recta consciência do Homem. Quem concebe o acto abortivo como o amachucar e lançar ao cesto dos papéis uma folha que se começara a escrever e se inutilizou?! Haverá alguém — mesmo decaído, mas ainda não totalmente corrompido! — que sinta o aborto com esta levandade? Suponho que não. Como suponho que este sentir é sintoma indicativo de

um juízo de valor, ainda que pouco esclarecido no campo da consciência ou, por inconsciência afectada, seja contrariado pela afirmação ou pela prática.

Na generalidade do nosso Povo prevalece uma consciência recta em que as realidades da Natureza têm a sua valoração justa. O Homem não tem um coração assassino. Ele é o motor da sua vida; nunca uma fonte de morte. Subindo à sua inteligência, nunca esta pode aceitar como verdadeiro e justo que, pelo facto de muitos caírem na tentação de determinado mal, se legitime esse mal. Isso seria um precedente terrível, de consequências trágicas, que acabaria por subverter toda a ordem da Natureza e destruir o Homem.

Cont. na 3.ª pág.

Partilhando

● O irmão do Orlando chegou na véspera de Natal. A casa estava cheia, não havia lugar para ele. Veio pelas mãos de seu pároco que nos falou assim: «É uma prenda de Natal que vos queremos deixar!...» E deixou mesmo — contra tudo e todos! Excepto contra o Orlando.

Os dois irmãos, sentados num sofá do escritório, ouviram, tristes, a sua história familiar: pai alcoólico, mãe atrasada!... Ele, Vitor Manuel, andava a dormir pelas

bordas dos caminhos. Na casa de seus pais não tem lugar! A cara diz bem da fome que passava! Fome de pão e de amor... Está connosco apesar de tudo e por causa do Orlando, seu irmão também.

Nesse dia, à noite, era a consoada. Havia prendas. Só para ele é que não... E, mais uma vez, ficou de fora, sem culpa de ninguém! A olhar os outros com a pequenez da pobreza de nada ter — e observando os brinquedos mais bonitos do mundo que uns Ami-

gos do Porto nos arranjaram em abundância e qualidade — não pediu nada nem exigiu; apenas disse «obrigado», quando, com ele, repartiu a minha prenda, antes de se deitar pela primeira vez na sua cama nova e quente, deste Natal, em nossa Casa tão cheia...!

● Estamos a começar um Ano Novo. Vamos continuar a acreditar, a esperar, a amar, apesar de tudo! Fomos feitos para isso. As dúvidas, o

desespero e o ódio nasceram para morrer. Nós nascemos para a Vida, para o Amor, para Deus e para a beleza que o Mundo tem — para a Paz que os homens tanto precisam! Somos uma parcela do Bem. O Amor, a Esperança e a Fé jamais hão-de acabar. Feitos de e para a Eternidade à semelhança de Deus, é proibido negá-LO por obras e palavras. É impossível negá-LO, apesar de tudo!... Na certeza de que Ele é a Luz mesmo no meio das nossas escuridões.

● Eram três senhoras que subiam as escadas que dão
Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FIM D'ANO — Esperamos que todos os nossos Amigos tivessem uma boa passagem d'ano. São os nossos votos.

Em nossa Casa correu bem. Foi uma festa bonita, tudo imaginado e organizado pelo nosso grupo musical e por alguns dos rapazes mais velhos.

O nosso salão estava muito bem enfeitado. Além da comunidade estiveram conosco pessoas amigas das redondezas.

Ficámos muito contentes por tanta festa, tanta alegria e tanta harmonia!

ESCOLAS — Recomeçámos as aulas. As notas do primeiro período, porém, como já prevíamos, não foram muito boas. No princípio do ano escolar — já o dissemos — é quase sempre assim!

Agora, neste segundo período, Deus queira — e nós também... — que tudo melhore um pouco mais, para nosso bem. Temos de recuperar no sentido de que o terceiro período seja mais fácil e ausente de aflições.

OBRAS — As obras da casa 2 — da nossa Aldeia — estão quase no fim. Fica muito bem arranjada, muito bonita! É a residência dos mais velhos e dos estudantes nocturnos que, até aqui, pernoitavam no salão, sobre a adega, em beliches — acomodados provisoriamente.

No entanto, as obras continuam noutros locais da nossa Aldeia, pois é necessário remodelar mais edifícios em mau estado. E tudo isto custa muito dinheiro e preocupações!

José Carlos

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS DE 1983 — Não é um relatório à moda dos relatórios — literatice para adular os números — mas um dever que assumimos como recoveiros dos Pobres e dos nossos Leitores. Mais ainda: uma soberana ocasião de dar graças Deus por, ao longo do ano, ser possível matar a fome em tantos presépios que seriam ignorados do Mundo!

Durante 1983 os nossos Leitores ofereceram 923.404\$00; alguns revelando enorme sacrifício — Óbulo da Viúva — quase todos exigindo a túnica do anonimato expressa na Sagrada Escritura. Aqui está o valor! Tudo o mais é fogo que mal aquece ou não dá Vida.

Um contributo do Conselho Central do Porto da S. S. V. P.: 5.000\$. E doutras proveniências o tesoureiro arrecadou, na caixa dos Pobres, 844\$00.

No outro membro do balanço é uma distribuição impressionante! Auxílios domiciliários: 498.262\$50 — por velhos, mães solteiras, viúvas, doentes ocasionais e incuráveis; pela Miséria imerecida que não chega a tapar a via pública. Centenas de

contos que mantêm lareiras acesas, suprindo, inclusivé, a miséria das pensões de sobrevivência ou de invalidez.

Apesar dos benefícios da Seguranga Social, aliviámos receituário médico, reparámos dois carros d'inválidos e participámos no fabrico doutro — ao preço de custo — tudo por 29.805\$00.

Nos domínios da habitação entregámos 356.017\$50: por 14 Autoconstrutores, pela electrificação de 6 moradias do Património dos Pobres, em pequenas ou grandes reparações de três delas. Só este sector daria pano para mangas! Em contacto directo com os Pobres, todos os vicentinos sentem, ao vivo, na sua alma, a realidade concreta dos problemas, a carência de habitações — e os milagres que muitos Autoconstrutores operam, sacrificando-se até à medula para não dormirem ao luar!

Como a Caridade é universal, colaborámos com 16.000\$00 em acções doutros recoveiros dos Pobres. Um dar de mãos que enriquece e estimula a nossa vocação vicentina.

Noutros sectores da vida e calvário dos Pobres — inclusivé para a sua promoção social — distribuímos 10.500\$00.

Por fim, confiámos 28.660\$00 ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo — uma percentagem da receita, como manda a nossa regra — e 150\$00 ao Boletim das Conferências Vicentinas.

Em suma: por tudo quanto aí vai, damos graças à Deus e aos nossos Leitores.

PARTILHA — Várias entregas no Espelho da Moda, Depósito da Obra da Rua no Porto — que faz parte da sua história de 44 anos: Cheque de um bancário, do BPA; 50\$00 de um anónimo; resto de contas de uma senhora da Rua Caldas Xavier; «Uma portuense qualquer» com as «migalhinhas» de todos os meses e continuará a aparecer, disse, «no próximo ano de 1984»; outra anónima e uma promessa: «Vou retirar

500\$00 mensais do dinheiro da casa e enviar até perfazer os 7.500\$00 que é o preço do electricista» que electrifica as moradias do Património dos Pobres; Maria do Rosário, 500\$00 «para tornar mais doces as rabadadas do Natal dos Pobres»; Alda com 1.200\$00 «por alma de minha mãe».

Assinante 113, de O GAIATO, 5.000\$00. Vancouver (Canadá), 25 dólares. Rua 1.º de Maio, Braga, 1.000\$00. Vale de correio, de Coimbra. Outro, de Vilar Formoso. Cheque da Avenida Gil Vicente, V. N. Gaia. A partilha mensal de «Uma assinante de Paço de Arcos» — e palavras de estímulo. Mais um vale de correio, de Albufeira, «para que um nosso Irmão necessitado tenha um caldinho melhor no dia de Natal». Rua Tenente Espanca, Lisboa, oferta depositada no Montepio Geral. 250\$00 da R. Conceição Fernandes, V. N. Gaia. O dobro de Estremoz. Cheque da assinante 20174, de Coimbra. Rua das Amoreiras, a presença de sempre — com a devoção habitual. Assinante 33404, de Torres Novas, o remanescente de contas com O GAIATO. Avenida Rodrigues de Freitas, Porto, 1.000\$00. Mais 10 rands da África do Sul. «Pequena migalha», em cheque, da Rua Tomás Ribeiro, Lisboa. Vale de correio da Foz do Douro para «quem tenha necessidade mais urgente». Assinante 30524, de Molelinhos, cheque «para a necessidade mais premente». Migalha de Vilares — Vila Franca das Neves. Uma «velha amiga» de Aguda, Figueiró dos Vinhos, divide oferta por vários sectores. São 85 primaveras bem conservadinhas! Assinante 11162, do Porto, 1.000\$00. Anónimo, 40 marcos. Cheque de Pardelhas (Murto-sa). Barcelos: «Nestes dias tão frios lembro os que têm tão pouco e peço que façam chegar um bocadinho de calor, por esta oferta, àqueles que não o sentem». Mais um cheque, de Alvide (Cascais). Santa Cruz do Douro, 1.500\$00. Outro cheque, de Setúbal, por «graça recebida por

intermédio do Papa João XXIII». Rua Escola Politécnica, Lisboa: «Junto um cheque que não é senão uma tentativa de partilha, de tomar o lugar que devemos na Comunhão dos Santos — tão transparente nas primeiras comunidades cristãs». Coimbra: «Vicentina que sou, não posso ficar indiferente e venho gostosamente enviar a minha modesta participação para o Natal dos Pobres, particularmente das Viúvas». Assinante 18213, do Porto, 240\$00. Marinha Grande, um pensamento de Pascal — «a maior fraqueza do homem é poder tão pouco por aquelas que ama» — e o donativo para uma Viúva. Antigo condiscípulo na Escola Comercial Mouzinho da Silveira (Porto), 1.500\$00. Bons tempos! «Eu e Ela», de Gondomar, partilha material e espiritual. A presença amiga de um dos nossos — desempregado — que, apesar de sofrer, não esquece os que mais sofrem! Que diria Pai Américo!... Rua Aires de Ornelas, Porto, 500\$00. O dobro da Rua António Carneiro, também do Porto. Duas generosas ofertas de funcionários dos TLP, entregues em nossas mãos. Uma amiga, de Cête, 500\$00. Travessa do Outeiro, Lisboa, quatro vezes mais. Por fim, cheque de vicentino lisboeta que, além de uma nota espiritual, partilha, materialmente, muito do seu amor aos Pobres.

Retribuimos, a todos os Amigos, votos de santo Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

CONVÍVIO DO CORVO

CONVÍVIO — No primeiro domingo deste mês, que coincidiu com o primeiro dia do ano, houve festa em nossa Casa por dois motivos: O Ano Novo que, para todos, é motivo de regozijo; a comemoração do aniversário da nossa Casa, da nossa Obra, antecipada pela impossibilidade de alguns estarem presentes.

Nesse dia levantámo-nos mais tarde que o costume, por causa da vigília do Ano Novo.

Ao meio-dia foi a celebração da Eucaristia, para agradecermos ao Senhor mais um ano que nos deu e fazermos votos para que não seja como o anterior, em que a violência e a desordem imperaram.

Depois, foi o almoço, compartilhado por muitos dos que já por cá passaram e não quiseram deixar de passar esse dia em nossa Casa, que foi e continuará a ser sempre deles também. Muitos já casados, e que os leitores mais velhos certamente conhecem, vieram com a mulher e filhos: Luís («Carequita»), Pascoal, Bandarra, Elisio, Lita, Ameriquito, «Foguetão», «Grilito», Humberto, «Fala-barato», João Aurélio, Carlos («Sardinha»), Octávio, Grisanto, Machado, Sissi, Manuel Cigano, Vitor Tótó, Zeca, Castanheira, Alfredo («Formiga»), Fernando Campo Largo, Zé Gordo, Zéquita, Vitinho, Zé Tachucha, etc., etc.

Uns vieram repetir um costume de todos os anos. Outros já não vinham há algum tempo.

O almoço mais não foi que uma

grande reunião familiar. À tarde, o convívio prolongou-se com uma partida de futebol entre casados e solteiros, ou melhor, entre os «velhos» e os «novos». Estes ganharam por 6-4. Os mais velhos já há muito não faziam o «gostinho ao pé». Para eles foi um jogo com sabor a recordações de meninos de calção, jogando a bola nos recreios das refeições, da Escola; meninos aqui criados e homens daqui saídos.

Para eles o maior motivo de alegria foi encontrarem antigos companheiros que só costumam ver nestas ocasiões. Relembrou pequenas travessuras de criança, hoje anedotas que os fazem ver os erros cometidos.

Para os mais novos a alegria de conhecerem alguns que fizeram história nesta Casa e que nas conversas dos mais velhos ouviram falar.

No fim do jogo foram embora os já casados; tinham que fazer longas viagens até às suas casas, mas antes passaram pelo bar e merendaram. Levaram a alegria de passar um dia em família, que será recordado durante muito tempo.

Certamente voltará outra vez para reencontrarem esta alegria de voltar à Casa materna onde têm as suas raízes.

Os que ainda cá estiverem esperam pela «desforra» do jogo em que eles saíram derrotados e para mais um dia de grande convívio!

Chiquito-Zé

Notas do tempo

Cont. da 1.ª pag

A fonte da Lei Natural não é a estatística, mas Deus Criador. E, para nos reportarmos a este caso, nem vale invocar a estatística como fundamento de lei porque, por grande que seja o número dos que caem na tentação do aborto (e a maioria destes bem o sabemos — fazem-no por fraqueza e na consciência do seu erro), são muitos mais os que nunca recorreram a ele nem pensaram em tal.

De lamentar é, pois, que neste «país adiado» se vá perder mais tempo com uma hipótese que não corresponde a nenhum dos seus problemas fundamentais nem o conduzirá a um bem maior.

E os outros que vão ter de discutir uma tal proposta, tenham presente que o Povo vai saber se os homens que elegu seus representantes, pelos processos que lhe facultaram, são dignos do nome de Homem e da sua representação.

Padre Carlos



O «Batatinha» mais pequenino da Casa do Gaiato de Lisboa (S. Antão do Tojal)

A FOME

— um problema de distribuição

Não deixa de ser pertinente transcrever um pequeno excerto, comentando um recente trabalho da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), sobre a problemática da fome no Mundo: 435 milhões de pessoas, nos países em vias de desenvolvimento (onde vive uma quarta parte da população do Globo), sofrem os efeitos da subalimentação; ou seja, um décimo da população mundial passa fome!!

«Não é por falta de produção de alimentos que se continua a passar fome» — sublinha o relatório da FAO. «Desde que em princípios da década de 60, quando a «revolução verde» na agricultura impôs nos mercados os produtos de qualidade superior, teoricamente, se considera que há alimentos suficientes para todos. A fome é um problema de distribuição.»

Eis o busfili da questão!

A FAO reconhece — pelos dados que tem — que «existe actualmente, a nível mundial, um excedente de cerca de dez por cento dos alimentos indispensáveis para o consumo. Enquanto os países industrializados produzem um terço da média mínima de calorias necessárias para viver, os países em vias de desenvolvimento, da Ásia — apesar das elevadas importações — dispõem apenas de 96,5 por cento de procura «per capita»; e na África, esse número ron-

da os 94 por cento. Nesta estatística não se incluem os países de economia planificada da Ásia.

Em termos globais, o abismo entre os países pobres e ricos, entre os esfomeados e os que têm cobertas as suas necessidades básicas, alargou-se ao longo dos anos 70. Enquanto a produção de alimentos cresceu sete por cento a nível mundial (dez por cento nos países industrializados), nos 31 países considerados pelas Nações Unidas como menos desenvolvidos, a produção, no mesmo período, diminuiu em um por cento, continuando a registar-se essa tendência depois de 1980. Nestes países diminuiu em seis por cento o número de calorias «per capita».

Em que zona do Mundo é a fome mais difícil de suportar? A resposta, de modo geral, não é fácil. Não se conhecem as estatísticas de muitos países e temos de nos socorrer de estimativas menos exactas. Por outro lado, sob a designação «desnutrido» existe um leque muito amplo de deficiências no abastecimento de alimentos, desde a subalimentação que não é fatal à que pode terminar com a perda da própria vida. As tabelas sobre a situação alimentar são muito mais úteis para identificar tendências do que para ilustrar situações concretas.»

Por fim, o director-geral da FAO faz mais um apelo —

a nível mundial — sublinhando que «os países membros das Nações Unidas gastam anualmente 700 milhões de dólares em armamento, ou seja 36 vezes mais do que aquilo que se gasta com a ajuda ao desenvolvimento»!!

O Santo Padre — Pastor da Igreja Universal — não deixa, também, d'apelar para a Paz: «O Mundo actual está cada vez mais marcado por contrastes, enredado por tensões que se manifestam de modo desgarrado e em direcções opostas». Na homilia proferida durante a concelebração da solenidade da Mãe de Deus — na Basílica de S. Pedro — começou por referir a graça da Redenção — a «grande herança que nos deixou o nascimento do Menino Jesus», em Belém. Depois acentuou a distância entre os países do Norte e do Sul, as nações ricas e as pobres, já de si tão profunda há muitos anos e mais grave com

a recente crise económica: «Segundo os especialistas, a um aumento de um por cento na expansão económica das nações industrializadas corresponde um empobrecimento de pelo menos um e meio por cento das nações em vias de desenvolvimento e ao seu endividamento, que atingiu já dimensões catastróficas, dada a medida da deterioração progressiva dos contrastes económicos».

No entanto, na opinião do Santo Padre, o mais preocupante são os contrastes derivados da situação de fome: «Nos países ricos melhoram a saúde e a alimentação e, em contrapartida, nos pobres escasseiam os alimentos de sobrevivência e recrudescem a mortalidade, em especial a infantil». No Terceiro Mundo morrem, diariamente, 40.000 crianças com menos de um ano!

Comparando a ameaça nuclear e o espectro da fome aos cavaleiros do Apocalipse, João Paulo II diz que são frutos de fenómenos d'ordem económica, ideológica e moral que geram, também, violência constante. «As causas profundas destes fenómenos e a razão por que o nível das amea-

ças e pragas não decresce» — conclui o Papa — é porque, no Mundo, «se está a perder a consciência da radical fraternidade dos homens e dos povos», apelando para a sua renovação «nos corações de todos os homens».

Júlio Mendes

DOCTRINA

■ A penúria dos Irmãos dá-nos violência nas palavras e lágrimas no coração.

■ O capital da Obra da Rua é, justamente, a confiança ilimitada que os Pobres depositam nela. Vivemos dessa fortuna imensa — as lágrimas dos sem-pão. E isso nos basta. Só fecharmos as portas quando faltarem Pobres.

■ Nós não esperamos, certamente, que toda a gente suba às alturas do Evangelho e faça como Francisco de Assis; mas a ordem social exige que todos quantos têm seus rendimentos, se obriguem, em consciência, a gastá-los bem, com economia, na roda do ano: distribuir, auxiliar, consumir, dar aos que se não podem bastar.

■ E este mínimo de coisas todos têm obrigação de compreender e de praticar. Porque é verdadeiramente criminoso todo aquele senhor que ao capital que rende vai juntar os juros desse mesmo capital.

■ Amarrar, assim, de pés e mãos, o direito das classes pobres ao pão-nosso-de-cada-dia, é semear no seio delas fome, lágrimas, miséria e, por fim, o desespero.

■ Senhor do Céu e da Terra, que tremenda não é a responsabilidade da hora derradeira, quando vier o Dono da Fazenda pedir contas da administração de cada um de nós! Pois, se foi tão severamente castigado aquele servo que escondeu o talento, que fará quem no tiver gasto mal?! Porque naquela hora todos são servos, mesmo os que na vida passaram por grandes senhores.

■ Ajoelhado aos pés de tantos Pobres que visito e de tantas lágrimas que enxugo, faço um acto de humildade, acreditando que somente receberei ofertas daqueles em cujos corações Deus colocar o dedo e nunca pela virtude nem pela arte do meu pedir.

D. Amín. 5!

TRIBUNA DE COIMBRA

Antes das prendas de Natal vamos dar conta das ofertas que nos têm chegado desde o Verão. Sempre mais que o valor material, que é o nosso pão, vale a presença moral que nos conforta:

A visita do Rancho Infantil de Pombal encheu a nossa Casa de mais alegria, mimos e três mil escudos; 500\$ mais 500\$ de visitantes; 160\$ em carta; «Amiga da Pereira» com mil; 13.800\$, mais 500\$, mais 1.500\$, mais 7.000\$, em cheques; cinco mil e a visita de casal nosso a viver no Porto; 5.000\$, em cheque, de Amigo de Cebolais de Cima; 500\$ de Tomar; 5.000\$ de Professora vizinha; 5.000\$, mais 3.000\$, mais 500\$, mais 500\$, mais 5.000\$, mais 500\$, mais 1.000\$, mais 1.000\$, mais 2.500\$ na Casa do Castelo; 1.500\$ em cheque; quinhentos ao vendedor em Tomar; cinco mil, em cheque, de Lisboa; vinte e cinco de Coimbra; quinhentos em carta; dois mil e quinhentos e roupas e a visita de dois dos nossos; mil de «mãe infeliz» e outros 500\$00 em vale de correio.

Mil de «mãe atribulada». São desabafos de corações a sangrar pela infidelidade dos maridos e pelas liberdades demasiadas dos filhos. O coração da Mãe autêntica é sempre aquele que sangra mais. A Mãe de Jesus e nossa Mãe é modelo.

Outra visita que fizemos à Casa do Castelo e «teve sorte» — disse a Maria Teresa; seis mil de irmã de sacerdote cinco mil em cheque; mil, mais mil, mais duzentos de

visitantes; seis mil de renúncias de Amiga de Tomar; mil e duzentos e mais mil de antigas visitantes; mil, em vale, da Lousã; quinhentos, em vale, de Lisboa; outro vale, de Lisboa; ainda outro, da capital; vale de Condeixa; cheque da Mealhada; vale de Vilar Formoso; mil, mais cem e roupas e a visita de Amigos de Cabaços; mil e mimos e fruta na minha aldeia; mil e trezentos de promessa e três mil em nossa Casa; mil, em cheque, das Meãs; cinquenta para várias ajudas; vinte, mais dois mil, mais nove, mais dois mil e quinhentos levados ao nosso Lar.

O nosso Lar, agora mais escondido e com mau acesso pelas obras dos grandes prédios que andam a construir, tem continuado a ser procurado e visitado por muitos Amigos. A senhora do Lar quer que eu publique, no jornal, tudo aquilo que lá vão levar. Eu digo que sim. E, no pequenino altar onde celebramos a Eucaristia, eu digo ao Senhor que tenha em Sua presença as boas obras de todos quantos nos ajudam.

Visita e seis mil de senhora de Lisboa; quatro mil, em cheque, de Amiga; três mil, em cheque, de Torres Novas; dois mil em nossa Casa; três mil de Criado; três mil em vale; mil e quinhentos em cheque; cinco mil de casal visitante; três mil do Serviço Social e um menino de Tomar; cheque de Pereira do Campo; mil, de Leiria, no dia dos 80

Cont. na 4.ª pág.

Partilhando

Cont. da 1.ª pág.

para o lugar onde nos encontrávamos. Duas delas davam, talvez, o que lhes sobejava. Notas grandes de mil escudos. A outra não se aproximou. Sentou-se, calada. Deixou que as suas companheiras se retirassem, meteu a mão na bolsa e deu vinte escudos: «Sou pobre e doente e não posso dar mais».

Oferta, assim, à maneira do Evangelho! Dar do que faz falta! De joelhos caídos no chão da pobreza! De mãos erguidas pelos sacrifícios da doença! De olhos fechados pelo cansaço de subir...! E o coração bem aberto pela humildade de nada ter! Discretamente...

Assim foi, também, naquele tempo, o Óbulo da Viúva no Templo de Jerusalém.

● Subimos serras e desce-cemos vales para irmos buscar uma oferta à vila da Trofa. Era uma oferta, espe-

cial, de alguém que tinha vivido sem necessidades, mas com necessidade de se sacrificar pelo sofrimento — em lembrança dos doentes do Calvário — abstendo-se, diariamente, de alguns alimentos essenciais — à maneira de S. Francisco de Assis — com os olhos postos nos seus irmãos doentes. E por estes, todos aqueles, homens e mulheres e crianças que, não tendo o essencial, vão morrendo à míngua de tudo.

Eis uma faceta de Pobreza em favor dos mais Pobres. A atitude interior de se esvaziar das coisas e de si por causa dos Outros. A atitude de abertura ao preenchimento do nosso vazio pelos Outros. Dar dos seus dons, dando-se. Receber dos Outros, aceitando-os. Eis a Pobreza, o nosso ser em movimento de fluxo e refluxo, de nós pelos Outros — para Deus.

Padre Moura

Autoconstrução

Era um dia de sol brilhante. Céu azul, limpo de núvens. Ressalta a panorâmica do Vale do Sousa em todo o seu esplendor!

Já posto o milho no canastro, a tesoura de poda é rainha na mão do lavrador. Reflectimos, a sós, o problema da Lavoura, destes homens que nos dão o pão. Importamos mais de metade do que chega às nossas mesas!... Nunca é demais reflectir nos problemas do Campo, já que a macrocefalia dos povos — em florestas de cimento — tapa o sol no horizonte mais vasto!

— Bom dia se Jaquim...

— Sabe?, temos d'aproveitar o tempo, c'ó lavrador não tem friados nem dias de folga...!

Continuamos por caminhos e carreiros, lama e pedregulhos.

— Tenha cautelinha! Venha antes por esta banda...

Fomos. Estamos sempre a aprender com a simplicidade desta gente!

Mais adiante, um Autoconstrutor — moradia já telhada, tarecos no lugar — faz pequenos arranjos no exterior como quem limpa uma mobília muito rica!

— Primeiro, a casa... Agora é cá fora!

E topamos mais outro — trabalhador da construção civil — que não tarda a gozar o maior sonho da sua vida: uma moradia construída por suas mãos, com sacrifícios incriveis!

Ao fundo, calmo, sereno, é o rio Sousa que mata a sede ao grande Porto. Estende-se na planura, rica de cambiantes, verde, viçosa, onde espelha o sol que nos alumia e aquece.

Chegamos ao objectivo principal! Toda a família a telhar a moradia, para defendê-la da geada, das chuvadas! É uma das mais ricas imagens do nosso Portugal contemporâneo! Paramos, extasiados. Todos ocupados com a ajuda d'amigos. A telha acariciada nas mãos como uma relíquia!

— Elas custam uma fortuna!...

O Autoconstrutor abeira-se de nós:

— Não se trigue...! O sol está alto...

Faz mais confidências d'alma:

— Ando nisto (na construção da moradia) há mais d'oito anos. Não q'ria deixar de ter uma casa p'ra mim, pròs meus!

— Tem um ror de filhos!?

— São 9. Estão aí... Ó cachopa pára lá um bocadinho! — berra à mais velha.

E nós com o natural escrúpulo de quebrarmos o ritmo da empreitada!

— Andamos nisto há oito anos! 'tá a ver: tudo feito só por nós, com a ajuda d'amigos.

Continua a relatar:

— Deram-me a carga dos materiais. Um lavrador, a madeira q'eu precisar. A casa vai ser, inté ò fim, só c'ó dinheiro q'a gente ganha, com o nosso trabalho, com as cousas que me dão...

— Telha usada!?

— O ganho está aí... S'a fosse mercar nova era três vezes mais. No polpar é q'está o ganho...!

— Viemos no dia certo!

— Que jeito faz...!

Ele é um dos que não abalou do Campo:

— Faço uma territa de F. que dá p'ra mim, pròs filhos. Gosto de trabalhar na laboira!

Visitamos os compartimentos da moradia. Num deles, porém, afastados do grupo, o

Todos conhecem o Luís! Aquele que julga cantar bem e se esquece onde está, quando troca a água por vinho... O Luís que nas suas cantigas faz rima própria e muitas vezes tenta atingir este ou aquele...

Pois o Luís, já com mais de 50 anos, percorre Lamego, Cambres, Samodães e outras terras, mas não tem casa em parte alguma. Junta uns tostões que servem para transportes e para consumo de bebidas. As noites são passadas, sentado ou deitado, na terra batida. Já o vi assim, numa noite gelada de Dezembro, ten-

RENASCER

Cont. da 1.ª pág.

Bem no fundo, uma reconversão total aos Mandamentos do Senhor. Nós sabemos-los de cor. Com eles jogamos a pelota: da mão à parede. Só que é difícil a entrada em nosso coração — tão cheio de coisas!

Também, tantas vezes!, enchemos a nossa mente de conceitos difíceis e pacotes de palavras, perdendo de vista o essencial.

Vejamos só o primeiro Mandamento:

Quantas vezes, no quotidiano, em nossa vida prática, pomos o Senhor em primeiro lugar?:

- O mais querido!
- O que nos quer bem!
- O primeiro e maior!
- O Papá (Aba-Pai)!

Que o Ano da Redenção nos ajude a renascer para o Senhor.

Padre Telmo

FESTAS

O cronista de Paço de Sousa deu o primeiro toque, mal se projectou o calendário da digressão pelo Norte do País. É notícia...

Nem todos os empresários que facultam as salas — do Coliseu do Porto ao Teatro Aveirense — confirmaram já as datas propostas (Abril e princípios de Maio), sobrecarregados na quadra natalícia uns, subjulgados outros com a crise generalizada.

Apesar disso, no Coliseu do Porto (primus inter pares) rejubilaram com a nossa presença: — Para a nossa empresa a vossa Obra tem condições muito especiais... Foram mais longe: expressaram um vivo sentimento pelo hiato, pela nossa ausência nos últimos dois anos — alinhando com a opinião de todos os nossos Amigos!

Agora, por cá, em nossa Aldeia de Paço de Sousa, são horas dolorosas na preparação do programa da Festa, que bolem com a ordem, a rotina da própria Comunidade — trabalho e estudo. Mas o interesse, a devoção, o entusiasmo, a responsabilidade de todos e cada um hão-de superar as dificuldades.

Júlio Mendes

nosso Amigo — como outros, noutras bandas... — lamenta a dolorosa cruz para chegar ao calvário: terreno, projecto, licenças, taxas... O mundo das leis que, na generalidade — ao contrário do que se diz — esta gente simples gosta de cumprir.

Por isto, mais pela importância do problema da habi-

tação, a verdade é que muita coisa terá de ser reformulada d'alto a baixo — em proveito dos Autoconstrutores e do País! É necessário olhar, seriamente, concretamente, pela Autoconstrução no meio rural, com problemas e vantagens muito específicos.

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

Cont. da 3.ª pág.

anos. Naquele dia dei um recadito ao Senhor por aquele Amigo que de tantos modos e há tantos anos nos abraça.

Cinco mil no encontro das jócistas de há 50 anos, em S. Pedro de Alva. Foi um dia extraordinário, de convívio e recordações, na igreja e na casa onde Pai Américo organizou as primeiras Colónias de Férias. É tão bom e sabemos tão bem recordar as coisas boas do passado!

Trinta, em cheque, da Nazaré; cinco mil de casal há 25 anos; mil pelo pároco da Pocariça; outra visita à Casa do Castelo e o sorriso dos Amigos; mil, à mão, em Santa Cruz; mil, em carta, de «Desconhecidas»; mil a vendedor; quatro mil de Figueiró dos Vinhos; mil, em vale, de Chão de Lamas; mil, em cheque, da Guarda; cinquenta de Lisboa e outras ajudas para o chefe de família; mil de senhora vizinha; mil de promessa de Brasfemes; quinhentos de sacerdote de Lamego; 3.640\$ de visitantes; dois mil em vale; cinco mil de Linda-a-Velha; três mil de Fermentelos; vale de Lisboa; ajuda dos vicentinos de S. António dos Olivais; dois mil de casal do Porto; dois mil de velho Amigo, agora a viver no Norte; trinta num restaurante da Figueira da Foz; quinhentos em carta; quinhentos de Braga; mil, à mão, de Juiz sempre amigo; duzentos ao vendedor na Lousã.

Padre Horácio

Quinhentos de sacerdote; quatro mil, em cheque, do Luso; cinco mil a pedir que «os meus voltem para o Senhor». É o grande encontro que todos desejamos: voltados para o Senhor. Dois mil, em cheque, por sacerdote de Alvoco da Serra; mil de anónimo vizinho; quinhentos pelo marido; dez mil que senhora de Leiria entregou a sacerdote; mil de Brasfemes; 660\$ de visitantes; duzentos da Sertã; mil, à mão, na Covilhã; mais mil, mais cinco mil, mais cinquenta da mesma terra; mil do Fundão; quatro mil em Castelo Branco e quinhentos, mais mil, cem na Sé da mesma cidade; cheque na Sertã. Foram visitas que fiz na viagem.

Nova visita à Casa do Castelo e «hoje há pouca coisa»; mil na minha mão; cheque de Leiria; mil e cinco mil, em cheques; um maço de notas e lembranças que fomos buscar; mil, em cheque, da Mealhada; mil, em cheque, de Lisboa; mil, em vale, do Luso; quinhentos mensais de Lisboa; mil de casal visitante da Covilhã; duzentos a vendedor, na Sertã; cinco mil ao vendedor, em Tomar; mil de senhora doente que muito ama; mil, em vale, de Condeixa; outros vales e cheques de Coimbra. Coimbra é o nosso forte! Nem outra coisa podíamos esperar.

Na próxima daremos conta das prendas de Natal. Até lá vamos saboreando o resto dos bolos-rei que nos ofereceram.

Lar Operário em Lamego

— AQUI SAMODÃES

do ao lado uma grande fogueira. O calor do álcool e o calor do lume davam-lhe um sono profundo. As estrelas brilhavam no firmamento e os homens que o conheciam, passavam sorrindo e um ou outro ainda dizia: — Arranjou um bom quarto!

É assim o viver do Luís!

Há quem se tenha interessado por ele e já várias vezes esteve algumas semanas num Lar da Terceira Idade. Prefere, todavia, outro modo de vida sem terra certa; sem comida conveniente; sem cama agasalhada; sem roupa limpa; sem tecto para se abrigar.

Há largos dias que a chuva tem sido constante. E agora? Já não é só o frio, o Luís vai passar as noites debaixo de água e, desta vez, nem sequer pode acender a fogueira por causa da chuva.

O amor é inventivo e de força incalculável. Apareceu um senhor que não quer tirar a liberdade ao Luís, mas custalhe vê-lo naquele estado. Arranjou umas tábuas, que lhe custaram mais de dois mil escudos; com uns plásticos a ser-

vir de contraplacado e mais não sei o quê levantou-lhe um «abrigo». Tem porta e fechadura, pregos salientes para colocar a roupa, e mantas. Não foi esquecida uma candeia de azeite; e, na «parede», ficou a pequena imagem dum santo. O Luís anda por lá com a chave no bolso e agora sabe que, à noite, o colchão é diferente, que a chuva não lhe toca, e, se quiser saber quando é dia tem de abrir a porta porque já não vê constantemente as estrelas.

Talvez com o mesmo «jeito» do senhor que lhe levantou o «abrigo» pudéssemos convencer o Luís a viver num quarto mais próprio à dignidade humana. Uns poucos de tijolos e cimento e uma porta e uma janela com vidros não exigirão muitas centenas de escudos. Vamos começar! Quando faltar o dinheiro, há-de aparecer o amor e a generosidade deste ou daquele. O amor é moeda certa que não se desvaloriza. Vamos começar! No final havemos de chamar-lhe «um monumento» de interesse pelo nosso Irmão tantas vezes e de tantos modos «pobre», com direito à nossa atenção.

Padre Duarte



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa